

Märzhäuser, Christina. 2009. *Portugiesisch und Kabuverdianu in Kontakt. Muster des Code-switching und lexikalische Innovationen in Raptexten aus Lissabon.* Frankfurt am Main: Peter Lang (= *Rostocker Romanistische Arbeiten* 14), 341 pp.

Reviewed by Jürgen Lang

Esta tese de doutoramento, orientada por Wulf Oesterreicher (Munique) e John Holm (Coimbra) e aceite pela Ludwig-Maximilians-Universität München, continua a linha de pesquisa iniciada pela autora desde a sua tese de mestrado sobre a situação linguística dos imigrantes cabo-verdianos na grande Lisboa (*Entre Kriolu e Português. Sprachliche Situation kapverdischer Migranten im Raum Lissabon*, 2005). A nova obra propõe sobretudo uma análise linguística de um corpus de textos de canções *rap* ('lyrics') de *rappers* (*MCs*, 'masters of ceremony') de descendência cabo-verdiana da área lisboeta. A autora está plenamente consciente do facto de estes textos constituírem textos literários de uma subcultura urbana que só de forma muito indireta refletem a linguagem dos jovens que vivem nos bairros de Lisboa com uma alta percentagem de imigrantes cabo-verdianos. Estas letras (*lyrics*) seguem sobretudo modelos da cultura global e estado-unidense do *rap*: têm de rimar, de se adaptar a um ritmo ('beat'), respeitar uma tradição poética, e são expressão de pessoas orgulhosas das suas capacidades ('skills') – musicais, poéticas e linguísticas - e da sua individualidade (orgulho que se manifesta nos trechos de fanfarronice ('boasting')). Em resumo, a obra descreve uma versão geográfica e temporalmente individualizada de uma prática cultural global e é 'interdisciplinar' no sentido próprio do termo pisando os terrenos dos estudos literários, linguísticos, sociológicos, etnológicos, musicológicos). Para levar a bom porto uma empresa de tal índole, a autora teve de se familiarizar com uma bibliografia vastíssima (cf. p. 319-340).

Poderia dizer-se que os capítulos 1 a 5 (p. 13-142) são, num sentido mais amplo da palavra, de introdução, os capítulos 6 a 8 (p. 143-289) constituindo o núcleo duro de uma obra que termina com uma discussão dos resultados destes dois capítulos centrais (cap. 9) e um resumo (cap. 10). Após uma breve introdução em sentido restrito (cap. 1), o segundo capítulo informa sobre o cabo-verdiano (origens, variação interna, migração, emigração cabo-verdiana para Portugal e especialmente para Lisboa, situação linguística dos imigrantes cabo-verdianos e do cabo-verdiano nos subúrbios lisboetas). O terceiro capítulo trata da linguagem juvenil com destaque para a dos (descendentes de) imigrantes. O quarto apresenta as fontes de informação. E o 5 consagra-se ao *rap* como objeto de estudos.

As fontes de informação são de três tipos. A autora reuniu um corpus de 99 letras (*lyrics*) produzidas entre 1993 e 2007 por 26 *MC* lisboetas de descendência cabo-verdiana pertencentes 16 formações ('crews') diferentes. Estes 99 textos perfazem um total de cerca de 50.000 palavras. Além disso, Christina Märzhäuser realizou 17 entrevistas com 21 pessoas de entre 17 e 35 anos de idade, entre as quais se encontram 15 *MCs*. Finalmente levou a cabo um inquérito por meio dum questionário. Este foi preenchido por 24 pessoas do mundo *rap* de Lisboa, 18 das quais foram também entrevistadas.

O quinto capítulo sobre o fenómeno *rap* (origens, globalização e *rap* lisboeta) aproveita boa parte da bibliografia existente e fornece uma informação imprescindível para quem, como o autor destas linhas, não está familiarizado com o mundo do *rap*. Em 5.3.5 (cf. também na tabela 14 na p. 125) o leitor aprende que a crítica social (situação nos bairros pobres da periferia, a violência, o racismo, as drogas etc.) ocupa o maior espaço no *rap* lisboeta. Os próprios *MCs* falam a este respeito de *rap de intervenção*.

Nos capítulos centrais a autora analisa a linguagem das canções, socorrendo-se das informações obtidas nas entrevistas e através do seu questionário. Tratam sucessivamente dos motivos que determinam a escolha da língua (portuguesa, cabo-verdiana ou até inglesa ou afro-americana) pelos *MCs* (cap. 6), as alternâncias entre línguas no interior das letras (cap. 7) e o léxico plurilingue destes textos (cap. 8). Menciono apenas alguns dos resultados desta análise.

Os *MCs* de descendência cabo-verdiana do inquérito usam maioritariamente ambas as línguas, portuguesa e cabo-verdiano, nas suas composições, alternando-as de uma composição para outra e, mais frequentemente, até dentro da mesma letra (cf. 6.1 com a tabela 17 na p. 143). Os motivos que determinam a escolha de uma ou outra língua em determinada composição ou parte de uma composição – público visado, maior ou menor competência linguística dos *MCs* nas respetivas línguas, expressão da própria identidade, exigências do mercado e dos meios de comunicação etc. (cf. tabela 21 na p. 170) - são tão heterogéneos que não admitem generalizações. Aliás, a própria prática contradiz certos motivos alegados pelos *MCs*: ao passo que uns afirmaram que o crioulo é mais direto e menos compreensível para possíveis 'censores' outros o usam para falar de amor ou da terra de origem.

A estruturação do capítulo 7 constitui um modelo de coerência. Para classificar os casos de passo de uma língua a outra dentro dum mesmo texto, a autora separa os casos de *code-mixing* (alternâncias dentro de uma frase) dos de *code-switching* de uma frase ou de um trecho mais longo para outro (cf. pp. 171, 225). Dentro do *code-switching* distingue entre *macro-alternâncias* (entre

‘partes’ do texto, cf. 7.3.1) e *micro-alternâncias* (dentro dum verso ou de dois versos ligados por uma rima, cf. 7.3.2). E dentro do *code-mixing* distingue, seguindo Pieter Muysken 1997 e 2000, entre *alternation* (em sentido restrito), *insertion* (com adação morfológica dos elementos inseridos) e *congruent lexicalization*, isto é, uso alternado de palavras de duas línguas em construções cuja disposição linear é a mesma em ambas (cf. 7.3.3). O quadro 16, na p. 179 resume todos estes tipos de alternâncias. É metodologicamente coerente assumir que todas estas alternâncias são intencionais e funcionais, nas letras, por tratar-se de textos literários que, entre outras coisas, visam precisamente a demonstração da competência dos *MCs* nas línguas misturadas (cf. p. 180). Não surpreende aprender que, regra geral, esta competência é maior, nos *MCs* lisboetas de descendência cabo-verdiana, em português e cabo-verdiano do que em inglês, onde se reduz frequentemente ao conhecimento dos anglicismos (*juvenis*) internacionais (cf. pp. 187, 189, 226), da terminologia do *rap* e de letras de colegas anglo-americanos. A colocação dos termos da oração sendo semelhante, por razões históricas, em português e em cabo-verdiano, o procedimento da *congruent lexicalization* aplica-se com particular facilidade a este par de línguas. Por todas estas razões, os trechos em inglês consistem frequentemente numa só palavra, aparecem só raramente em macro-alternâncias (p. 225) e têm muitas vezes caráter de citação (p. 226).

No capítulo 8, consagrado ao léxico das letras, há uma interessante reflexão acerca da dificuldade de traçar um limite preciso entre português e crioulo, neste terreno. A grafia dos textos escritos é mau guia, nesta tarefa (cf. pp. 241,242). Além das palavras que se pronunciam e escrevem efetivamente da mesma forma, em ambas as línguas (tipo *falta*), há palavras portuguesas que parecem crioulas por estar grafadas com *k* em vez de *c*, e palavras crioulas que parecem portuguesas porque aparecem escritas com ortografia etimológica. A autora presta particular atenção às palavras derivadas por meio de afixos etimologicamente idênticos e produtivos em ambas as línguas. Se, como ocorre em centenas de casos, um derivado existe em ambas as línguas (tipo pg. *fraqueza*, cr. *frakéza*), é impossível saber se o derivado crioulo foi derivado em crioulo da base crioula (cr. *fraku* adj. → cr. *frakéza* s.) ou o crioulo o emprestou já feito (pg. *fraqueza* s.> cr. *frakéza* s.) (cf. 8.2.3.3). Nalguns casos poderia até tratar-se de um empréstimo de um derivado crioulo no português (cf. a interessante discussão a respeito dos exemplos *burréza*, *xibaria*, *mamáda*, *camisinha* e *sabura* em 8.2.3.3.3). Mas globalmente é sobretudo o cabo-verdiano dos imigrantes cabo-verdianos e dos *MCs* lisboetas de descendência cabo-verdiana que sai enriquecido dos contatos entre crioulo e português na capital portuguesa (cf. pp. 228, 230, 289).

Um dos parágrafos mais curiosos de todo o livro é sem dúvida o 8.5 com especial destaque para 8.5.3 (*Blends*) onde a autora reuniu criações léxicais que surgiram no próprio ambiente do *rap* lisboeta como *rapública*, *rapresálias*, *rapensar*, *hiphopkkkrisia*, *hiphopulariza*, *mikrofonética*, *imigra.som*, *Pretugal*, *tugaverdiano*. Quanto às três primeiras, esquece-se de mencionar que pelo menos no crioulo de Santiago *ra-* é a variante mais frequente do prefixo que corresponde ao pg. *re-* (cf. por ex. os verbos crioulos *rabista*, *raduzi*, *rafoga*, *rakonhese*, *rakumenda* etc.). É este aspeto lúdico (p. 184, 191, 224) das letras, omnipresente em toda esta mistura de códigos, que torna os *MCs* tão simpáticos (cf. ainda o *Nu a ta fresta fresta liza* da p. 268 com ingl. *freestyle* s. → **freestylize* v. > cr. (*fresta*) *fresta liza*, aludindo a pg. e provavelmente também crioulo *fresta* s. ‘fenda’ e cr. *liza* ‘passar a ferro, engomar’).

Quanto a erros, há alguma confusão entre Barlavento e Sotavento (as listas de vocábulos em Delgado 2008 dizem respeito ao crioulo de Barlavento e o padrão acentual das formas de base dos verbos é oxítono em São Vicente e paroxítona em Santiago, cf. pp. 235, 243, nota 287) e há alguma imprecisão no uso da terminologia linguística (em *fiz as minhas “connections”* não há discurso indireto e em ingl. *whisky* → cr. *uíski* não há palatalização, cf. pp. 257, 265). O nome do conjunto *SS* que, por razões óbvias foi substituído por *S.A.M.P.*, será abreviação de (*Dos*) *Sanpadjudu* e não de (*Dos*) **Sampaduju*. E *sanpadjudus* não se chamam apenas os caboverdianos de São Vicente, mas todos os que não são *badíus*, isto é, todos os que não são de Santiago (cf. p. 273). Se se tratasse de uma confusão do próprio *MC C*, seria bom mencioná-lo.

Todos estes erros - poucos numa obra de mais de 300 páginas! - poderiam ser facilmente eliminados numa tradução portuguesa, altamente desejável para que a obra de Christina Märzhäuser alcance todo o público que merece. Pois trata-se sem dúvida da obra de longe mais abrangente sobre o tema.